

AS IMAGENS DOS QUADRINHOS: APLICAÇÕES E DIFICULDADES NO USO EDUCACIONAL

COMIC BOOKS IMAGES: APPLICATION AND DIFFICULTIES WHEN APPLIED TO EDUCATION

Fábio da Silva Paiva

Doutor em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco. Docente na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) no Centro de Educação (CE) e Pesquisador na temática da educação e dos quadrinhos. E-mail: fabiosilvapaiva@hotmail.com

Ernani Nunes Ribeiro

Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco. Docente na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) no Centro Acadêmico de Vitória (CAV) e no Programa de Mestrado Profissional – PROFBIO UFPE/UFMG. E-mail: ernani.ribeiro@ufpe.br

RESUMO

Este estudo, de caráter bibliográfico, propõe apresentar uma análise referente às imagens dos quadrinhos, apresentando uma discussão sobre aplicações e restrições no uso seu educacional. Abrange o conceito de imagem e sua relação com os Quadrinhos. Apresenta as Histórias em Quadrinhos no diálogo com o processo de ensino e aprendizagem, entendendo que a educação faz uso de experiências e vivências de uma sociedade e de toda sua obra para estabelecer a cultura e caminhar no sentido da ampliação de conhecimentos e do acúmulo de saberes. Ao entendermos que esse processo ocorre inserido nas práticas cotidianas, podemos entender a leitura das HQs como uma das maneiras de mediação, transmissão e também de apropriação de cultura e, portanto, de realização do processo de educação. Realiza análise sobre a utilização de HQs no ENEM e traça um comparativo utilizando o Censo Escolar. Conclui sobre a importância do uso de Quadrinhos na Educação e a função potencializadora das imagens nos processos cognitivos. Conclui haver disparidade entre as posições ministeriais relacionadas ao uso dos Quadrinhos na Educação.

Palavras-chave: Histórias em Quadrinho. Imagens. Educação.

ABSTRACT

The purpose of the following bibliographical paper is to present an analysis of comic books images and their uses and restrictions when applied to education. It discuss the concept of image when it comes to Comic Books. It displays the relationship between comic books and the teaching and learning process. It assumes that education uses all experiences inherent to society in order to enhance knowledge. When it is assumed that such process is part of everyday life, reading comic books can be seen as a way to mediate, transmit, and appropriate culture and therefore implement education. It analyzes the use of Comic books at National High School Exam (ENEM) and compares it to the School Census. In addition, it shows the importance of using Comic Books within Education and the potential of images when it comes to cognitive processes. Finally, it shows the variance of official opinions regarding the use of Comic Books within education.

Keywords: Comic Books. Images. Education.

INTRODUÇÃO

Uma imagem vale mais que mil palavras, esta máxima popular nos traz várias alusões sobre os elementos componentes da realidade, mas chamamos a atenção para as palavras, que enquanto descritivo linguístico são uma tentativa de expressar o real. A imagem fala por si. Fizemos uma pesquisa de caráter qualitativo, por considerar que os procedimentos para coleta, tratamento e análise dos dados são construídos pelo próprio objeto a ser pesquisado (BAUER; GASKELL, 2005), (CHIZZOTTI, 1997). Além disso, utilizamos o método bibliográfico na busca de referências e informações já elaboradas e publicadas por pesquisadores e teóricos que possibilitem esclarecer, aprofundar e dialogar com ponderações para o entendimento e análise do objeto deste estudo (ALVES-MAZZOTTI, 1999). No processo reflexivo, fazemos

uso de análise crítica do conteúdo (BARDIN, 2009), pois buscamos revelar as principais interconexões entre os fenômenos, bem como as relações das partes com a totalidade, a historicidade dos fatos, e as suas contradições.

A educação pode ocorrer no dia a dia, nas famílias e nas organizações sociais, nas diversas relações e também nas leituras não “didáticas”, como a das Histórias em Quadrinhos (HQs). Pode-se, dessa maneira, entender que a educação ocorre nos processos cotidianos e que fazem parte da formação como um todo, podendo ser formal, social e moral, em um processo cultural.

Os Quadrinhos são parte da produção histórica humana e compõem as relações sociais e culturais. As HQs são um tipo específico de arte, uma junção de várias expressões artísticas, mas que forma uma outra que se diferencia das demais. É uma linguagem e também uma forma de comunicação, além de ser um meio de entretenimento. Faz parte de nosso cotidiano e, portanto, está presente nas relações educacionais.

Considerar a educação nesse aspecto é importante para tratar das relações educacionais em um sentido amplo, extrapolando os muros das instituições e dos programas escolares, considerando o processo aberto e não unicamente “formal” em sala de aula. Conforme Brandão (2007, p. 9), “não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante.”

Como fazem parte do cotidiano das pessoas, as HQs estão envolvidas no processo educacional de maneira ampla, visto que a educação tem presença constante no desenvolvimento humano. Sendo contínuo e cumulativo, o processo educacional de formação se estabelece em muitas experiências culturais e em suas transmissões.

Educação é o processo por meio do qual um membro da espécie humana, inacabado, desprovido dos instintos e das capacidades que lhe permitiriam sobreviver rapidamente sozinho, se apropria, graças à mediação dos adultos, de um patrimônio humano de saberes, práticas, formas subjetivas, obras. Essa apropriação lhe permite se tornar, ao mesmo tempo e no mesmo movimento, um ser humano, membro de uma sociedade e de uma comunidade, e um indivíduo singular, absolutamente original. A educação é, assim, um triplo processo de humanização, de socialização e de singularização. Esse triplo processo é possível apenas mediante a apropriação de um patrimônio humano. Isso quer dizer que educação é cultura, em três sentidos que não podem ser dissociados Charlot (2000, p. 115).

Em seu processo de humanização, socialização e de singularização, o processo educativo se utiliza de experiências e vivências de uma sociedade e de toda sua obra para estabelecer a cultura e caminhar no sentido da ampliação de conhecimentos e do acúmulo de saberes. Ao entendermos que esse processo ocorre inserido nas práticas cotidianas, podemos entender a leitura das HQs como uma das maneiras de mediação, transmissão e também de apropriação de cultura e, portanto, de realização do processo de educação.

IMAGENS, QUADRINHOS E SUAS RELAÇÕES EDUCACIONAIS

Em um primeiro momento nos deparamos com um questionamento norteador do que uma imagem significa. Segundo Silva (2009) podemos compreender as imagens, e suas derivações a partir do seu radical do latim *imago - ginis*. A palavra imagem significa a representação de um objeto ou a reprodução mental de uma sensação na ausência da causa que a produziu. Logo o conceito de imagem pode

ser ampliado como uma representação gráfica, digital, plástica ou fotográfica de pessoa ou coisa e que oferece suporte para a realização de trocas de informações. Como uma representação, a imagem tem a possibilidade de transmitir informação, construindo com o sujeito observador uma relação cognitiva. Essa representação mental, consciente ou não, é formada a partir de vivências, lembranças e percepções passadas, podendo ser passível de ser modificada por novas experiências (Netto, 2001).

Segundo, Santaella e Nöth (2009), as imagens podem ser compreendidas como semelhança de signos retratados, e pertencentes à classe dos ícones. Sobre isso os autores comentam que para Charles Peirce – o ícone compreende, também, a formas não visuais tais como: acústicas; táteis; olfativas ou formas conceituais de semelhança sígnica. Podendo assim ser possível um cruzamento de dois tipos distintos de signos. Como os signos imagéticos e textuais.

Zimmer (1971), comentado por Santaella e Nöth (2009), nos aponta que, compreender a psicologia cognitiva, e relacioná-la aos estudos da semiótica, tem apresentado resultados no que se refere a ampliação da percepção nas perspectivas de um campo visual e nessas relações singulares, o sujeito pode ter nas imagens uma referência das unidades semióticas que conceitualmente representam “coisas descritíveis”.

Eco (1976) e Calabrese (1980) apontados nos estudos de Santaella e Nöth (2009) nos apresentam que a imagem pode ser compreendida a partir de uma gramática textual da semiótica. A imagem pode conceber, em suas unidades de articulação, um código, e estes elementos constituintes da imagem podem ser tecidos em cada texto icônico numa relação semântica.

As imagens enquanto representação de um objeto e/ou representação mental de algo está relacionada à realidade. Com efeito, a imagem está sempre contextualizada a fenômenos e trazem em si informações que cognitivamente o espectador apreende (Barthes, 1984).

O visto e o compreendido pelo discurso imagético sempre esteve presente como técnica de registrar a realidade na humanidade. Os exemplos são muitos, que vão desde os registros nas pinturas rupestres até o advento da internet. Sociedades deixaram relevantes contribuições por meio das imagens, como forma de preservar traços de sua cultura, hábitos e práticas religiosas.

Na pré-história, as representações iconográficas apontadas nas pinturas rupestres muito antes do sistema de escrita terem sido sistematizadas, foram uma forma favorável de registrar e coletivizar o que as tradições culturais do cotidiano do povo apresentavam. As cavernas, que serviam de moradia, eram “decoradas” como um grande álbum de recordações, e/ou um grande livro de práticas, vivências e tradições. Tais informações ainda hoje são estudos de arqueólogos e antropólogos, que buscam desvendar como viviam e pensavam os homens nas sociedades primitivas (Swanson, 1968).

O discurso imagético pode ser usado como facilitador cognitivo para que sujeitos ampliem o acesso ao plano imagético. Vygotsky (2001), teórico da psicologia cognitiva, faz uma análise sobre a imagem como construção do conhecimento, como comenta Freitas (2008)

Linguagem, imagens e ações são transformadas em representações mentais e são ao mesmo tempo, elementos constituintes indispensáveis para a existência das representações mentais. Trata-se da complexa trama que se insere na construção do conhecimento. (S/P)

Desorteque, a linguagem materializa o sistema de mediação simbólica que funciona como instrumento de comunicação, planejamento e autorregulação (Vygotsky, 1999). Logo, o conhecimento é um emaranhado de percepções da realidade sendo apreendidas pelo sujeito que se relaciona com o mesmo.

Sobre os constructos relacionados com a aprendizagem, Vygotsky (1999) defende que é na in-

teriorização de sistemas de signos (constructos visuais), todos produzidos culturalmente, que se dá o desenvolvimento cognitivo. Em outras palavras, a conversão de relações sociais em funções mentais superiores não é direta, mas, mediada pelo uso de instrumentos e signos. Os sistemas simbólicos são compartilhados pela comunidade em que estamos culturalmente inseridos. Os constructos dos signos, no caso das representações visuais da realidade, têm sua origem nas relações sociais. De tal modo, foram elaborados ao longo da história social e cultural do meio em que o sujeito está inserido.

Vygotsky considera que os signos serão produzidos socialmente, mas que devem ser internalizados para que componham os sistemas simbólicos de cada indivíduo. Levando-se em conta a construção dessa teoria, sabemos que mesmo os sistemas simbólicos pessoais terão grande e decisiva influência no contexto social a que cada sujeito pertence. Nas HQs esses conceitos podem ser aplicados de algumas maneiras (PAIVA, 2013, p. 68).

As ilustrações são um convite à criança para reestruturar, partindo delas, suas configurações mentais, indo do concreto à abstração da palavra. Nos quadrinhos, as palavras recebem um tratamento plástico diferente do usual, devido à forma como são colocadas: em balões, com tamanhos, formas e espessuras diferentes, que podem transformar os significados, possibilitando conotações distintas daquelas que haveria no caso de o texto ser apenas escrito. (FOGAÇA, 2003, p.125)

A construção específica das HQs propicia interação diferenciada, com palavras e ilustrações, em uma dinâmica que se propõe a comunicar desde elementos mais simples aos mais complexos, por meio de situações, personagens e narrativas que fazem parte do patrimônio cultural humano e que compõem de forma única o desenvolvimento educacional.

No plano pedagógico, os quadrinhos proporcionam experiências narrativas desde o início do aprendizado, fazendo os alunos adquirirem uma nova linguagem. Crianças e adolescentes seguem a história do começo ao final, compreendem seu enredo, seus personagens, a noção de tempo e espaço, sem necessidade de palavras sofisticadas e habilidades de decodificação. As imagens apoiam o texto e dão aos alunos pistas contextuais para o significado da palavra. Os quadrinhos atuam como uma espécie de andaime para o conhecimento do estudante. (LUYTEN, 2011 p. 06)

As HQs são uma rica fonte de conhecimentos. Abordam temas variados, históricos e atuais, apresentando assuntos complexos ou mesmo “indigestos”, com uma linguagem fácil e acessível. Os personagens das HQs “convivem” há décadas com várias gerações e são ícones da cultura de massa. A identificação dos leitores com esses personagens traz uma quantidade de significação muito intensa.

Além disso, a busca pelas HQs não é uma busca por conhecimento, e sim por entretenimento, o que faz com que sua procura seja espontânea. Ao escolher uma HQ, o leitor procura nela elementos que fazem parte de seu sistema de valores e conhecimentos. Essa busca por significados prévios, já construídos, faz com que o leitor se depare com um grande número de novos significados que se somarão aos seus (PAIVA, 2013, p. 70).

Na imagem dos quadrinhos, tudo vai funcionar como elemento significante, trazendo novas informações: os pontos de vista ou enquadramento das personagens [...]; os diversos planos pictóricos [...]; as perspectivas; os diversos tipos de linhas [...]; as massas, tudo funciona de modo a transmitir informação tanto denotativa quanto conotativa (VERGUEIRO, 2006, p. 102).

Para Vergueiro (2006), as HQs apresentam significados que, mesmo sendo reproduzidos no mundo todo, podem ser aprendidos pelos leitores. Mesmo tratando-se de aspectos gerais da cultura, como os fatos políticos, o poder de transmissão de informações de uma HQ é enorme. A força educacional contida na união de palavra e ilustração ou na síntese de ideias possível na estrutura narrativa dos qua-

drinhos faz com que a ferramenta em questão seja um trunfo para a educação.

As histórias em quadrinhos têm um poder incrível de passar mensagens sobre acontecimentos complexos e complicados. Não é à toa que os cartunistas utilizem fatos políticos apenas com um quadro. Digamos que alguém não entenda nada sobre o que está acontecendo no mundo e de repente vê uma charge de um político desenhada e de repente parece que, como mágica, entende rapidamente. (OLIVEIRA, 2007, p.08)

No início do ano de 2014, foi divulgada uma pesquisa realizada no estado de São Paulo, pela Coordenadoria de Informação, Monitoramento e Avaliação Educacional (CIMA), que aplicou questionário para mais de um milhão de estudantes de um total de 4,3 milhão, sendo 1,1 milhão na capital do estado. O levantamento perguntava sobre as preferências de leitura dos estudantes.

As perguntas de múltipla escolha, permitem marcar mais de uma opção. Na pergunta “que tipo de livro você gosta de ler? ”, a resposta “histórias em quadrinhos” apareceu como primeira opção para 45% dos estudantes. Na sequência, apareciam “contos, mitos e lendas” com 36,9%, “poemas”, apareciam com 31%, “romances de amor”, apareciam com 29,2%, “romances de aventura” com 24,8%, “crônicas”, receberam 18,5% da preferência e livros sobre “história do Brasil e do mundo”, 12,6%. (<http://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,quadrinhos-e-o-estilo-de-leitura-preferido-de-45-dos-alunos-da-rede-estadual-de-sp>)

A respeito desses resultados, há duas importantes considerações a serem feitas. A primeira é a clara preferência pelos quadrinhos, em uma pesquisa recente e de grande impacto, com um milhão de respostas e realizada por uma instituição governamental. As HQs são preferência de quase metade dos respondentes e aparecem com uma diferença de mais de 5% para a segunda opção. É evidente que a leitura de quadrinhos consegue atrair os estudantes de uma maneira que as demais formas oferecidas nas outras opções não conseguem.

A segunda informação leva em conta um erro conceitual da pesquisa. A categoria “histórias em quadrinhos”, poderia contemplar todas as demais. As HQs, além de serem um tipo de leitura e de arte, são também um meio de comunicação e uma linguagem comunicacional, sendo assim, possível que existam livros de contos, mitos e lendas, poemas, romances de amor e de aventura, crônicas, história do Brasil e do mundo (e muitos outros), todos apresentados em formato de quadrinhos.

Para um resultado mais confiável sobre a opinião dos estudantes leitores, haveria a necessidade de formular uma pergunta para todas essas opções, questionando se esses estudantes preferem ler “contos, mitos e lendas” no formato usual ou em formato de quadrinhos. As publicações de Ziraldo com *A Turma Do Pererê*, as diversas histórias de ação com lobisomens e vampiros e até mesmo os quadrinhos de piratas e sereias são alguns dos possíveis “contos, mitos e lendas” já ao alcance dos leitores. Um livro de contos, em formato de HQs, talvez ganhe a preferência dos estudantes. Há diversos outros exemplos, de romances de amor e aventura, contos e até mesmo poesias em quadrinhos. Apresentei no capítulo 2 as publicações da EBAL, que traziam para as bancas a história do Brasil de grandes figuras e que fizeram muito sucesso por décadas.

Uma mudança metodológica na maneira de elaborar as perguntas, tratando as HQs como uma linguagem e meio de comunicação, traria, possivelmente, um aumento considerável de aprovação na preferência por elas. Com educadores entendendo de maneira positiva o uso de quadrinhos e estudantes preferindo ler quadrinhos, de que maneira atua o Estado em relação à questão do uso e presença das HQs na educação?

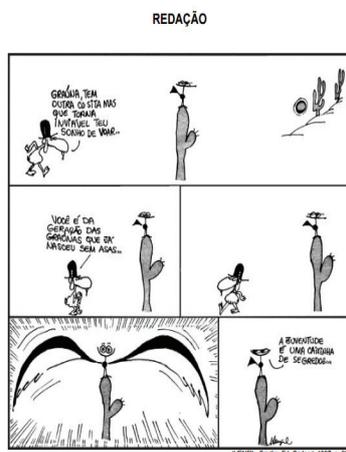
QUADRINHOS E EDUCAÇÃO: APLICAÇÕES E RESTRIÇÕES

Uma das mais importantes avaliações do país, o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) teve início em 1998 como parte de uma política de verificação das ações educacionais no Brasil. Hoje é realizado em todo território nacional, simultaneamente, avaliando em torno de 9 milhões de pessoas (em 2015 foram 8,4 milhões de inscritos e em 2014 foram 9,5 milhões). O ENEM é aceito como critério de entrada em 126 instituições de ensino superior públicas, algumas instituições internacionais, como a Universidade de Coimbra, além de centenas de instituições privadas brasileiras.

O Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) foi criado em 1998 com o objetivo de avaliar o desempenho do estudante ao fim da educação básica, buscando contribuir para a melhoria da qualidade desse nível de escolaridade. A partir de 2009 passou a ser utilizado também como mecanismo de seleção para o ingresso no ensino superior. Foram implementadas mudanças no Exame que contribuem para a democratização das oportunidades de acesso às vagas oferecidas por Instituições Federais de Ensino Superior (Ifes), para a mobilidade acadêmica e para induzir a reestruturação dos currículos do Ensino Médio. Respeitando a autonomia das universidades, a utilização dos resultados do Enem para acesso ao ensino superior pode ocorrer como fase única de seleção ou combinado com seus processos seletivos próprios. O Enem também é utilizado para o acesso a programas oferecidos pelo Governo Federal, tais como o Programa Universidade para Todos – ProUni. (INEP, 2016)

Durante 10 anos, o ENEM foi aplicado em apenas uma prova, de matriz única, que avaliava 21 habilidades, cada uma com 3 questões objetivas. Além disso, o exame realizava a avaliação de uma redação. Nesse período, o primeiro uso de uma HQ foi no ano seguinte de sua criação, 1999, com uma história da Graúna de Henfil abrindo a chamada para a redação (ilustração 26).

Ilustração 26 – Quadrinho de Henfil, o primeiro a ser utilizado em uma prova do ENEM (1999)



Fonte: INEP. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/provas/1999/1999_amarela.pdf>. Acesso em: 03 jan. 2016.

A partir daí se utilizou desse recurso de maneira moderada, conforme tabela a seguir:

Tabela 1 – Uso de HQs nas provas do ENEM – 1999 a 2008

Tema/Ano	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
Redação	1	1	1			1				
Língua Portuguesa	1	1	1		1	1	1			2
Geografia		1	2	1		2	3			
Física							2			
Artes		1		1						
Sociologia							1			
Biologia				1					1	

Destaca-se o ano de 2005, em que as HQs foram utilizadas sete vezes ao longo da prova, incluindo uma tira de Ziraldo, colocada dentro de uma questão, sendo uma de suas opções (ilustração 27). Contudo, os anos que seguem são de destaque exatamente contrário, com 2006 sem nenhum uso de quadrinhos, e 2007 e 2008 com apenas 3 tiras nos dois anos.

Ilustração 27 – Questão 33 do ENEM de 2005

33

O termo (ou expressão) destacado que está empregado em seu sentido próprio, denotativo ocorre em

(A) "(...)
É de laço e de nó
De gibeira o jiló
Dessa vida, **cumprida a sol** (...)"
(Renato Teixeira. *Romaria*. Kuarup Discos. setembro de 1992.)

(B) "Protegendo os inocentes
é que Deus, sábio demais,
põe **cenários** diferentes
nas impressões digitais."
(Maria N. S. Carvalho. *Evangelho da Trova*. /s.n.b.)

(C) "O **dicionário-padrão** da língua e os dicionários unilíngües são os tipos mais comuns de dicionários. Em nossos dias, eles se tornaram um objeto de consumo obrigatório para as nações civilizadas e desenvolvidas."
(Maria T. Camargo Biderman. *O dicionário-padrão da língua*. Alfa (28), 2743, 1974 Supl.)



(E) "Humorismo é a arte de **fazer cócegas no raciocínio** dos outros. Há duas espécies de humorismo: o trágico e o cômico. O trágico é o que não consegue fazer rir; o cômico é o que é verdadeiramente trágico para se fazer."
(Leon Eliachar. www.mercadolivre.com.br. acessado em julho de 2005.)

Fonte: INEP. Disponível em <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/provas/2005/2005_amarela.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2015.

Até 2008 foram 28 quadrinhos empregados em questões das provas. A partir de 2009, o ENEM passou por modificações em sua estrutura e formato, como mencionado no site do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP):

Entre 1998 e 2008 as provas eram estruturadas a partir de uma matriz de 21 habilidades, em que cada uma delas era avaliada por três questões. Assim, a parte objetiva das provas era composta por 63 itens interdisciplinares aplicados em um único caderno. A partir de 2009, as provas objetivas passaram a ser estruturadas em quatro matrizes, uma para cada área de conhecimento. Cada uma das quatro áreas é composta por 45 questões. Cada um dos cadernos, na nova edição do exame, é composto por 2 áreas de conhecimento, totalizando 90 questões por caderno. (INEP, 2016)

Com a prova maior, o uso de HQs se manteve como instrumento facilitador de questões e ilustração para temas. O aparecimento de quadrinhos a cada ano é apresentado na tabela a seguir:

Tabela 2 – Uso de HQs nas provas do ENEM – 2009 a 2014

Área/Ano	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
Ciências da Natureza e suas Tecnologias Ciências Humanas e suas Tecnologias	2	4	3	5	4	4	3	1
Redação, Linguagens, Códigos e suas Tecnologias Matemática e suas Tecnologias	4	7	4	4	8	2	4	0

Com o aumento do número de questões, o uso dos quadrinhos também aumentou. Foram, em oito anos, 59 aplicações de HQs nas provas, 33 nas questões na prova de redação, linguagens, códigos e suas tecnologias e matemática e suas tecnologias; nas questões das provas de ciências da natureza e suas tecnologias e ciências humanas e suas tecnologias, foram 26 usadas HQs. Destaca-se o ano de 2013 com o maior uso de quadrinhos, em 12 questões, mesmo sendo um número próximo dos demais anos.

O ENEM é desenvolvido e aplicado pelo INEP, que em sua estrutura contempla o Comitê de Governança, responsável em manter o diálogo e o caráter democrático da prova.

Tendo em conta a importância de que se reveste o Exame para a melhoria da qualidade do ensino médio e para a democratização das oportunidades de acesso à educação superior, o Inep entende que é imprescindível manter o diálogo profícuo com as principais instituições representativas da educação no País, visando ao seu aperfeiçoamento constante. Assim, em abril de 2012, o Comitê de Governança do ENEM foi novamente instituído, de forma ampliada, contando com a representação das seguintes instituições: Secretaria de Educação Básica – SEB/MEC; Secretaria de Educação Tecnológica – SETEC/MEC; Secretaria de Educação Superior – SESU/MEC; Conselho Nacional de Secretários de Educação – CONSED; União Nacional de Dirigentes Municipais de Educação – UNDIME; Conselho Nacional das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica – CONIF; Associação Nacional de Dirigentes das Instituições Federais de Educação Superior – ANDIFES; Associação Brasileira dos Reitores das Universidades Estaduais e Municipais – ABRUEM (INEP, 2016)

O exame é uma avaliação oficial oferecida para toda a rede de ensino e, portanto, pode ser entendido como um documento de discurso governamental, que de maneira indireta apresenta ideias oficiais em relação a diversos temas. Além disso é possível admitir que as importantes instituições relacionadas em seu Comitê de Governança corroboram a apresentação das provas e dos temas. Nesse sentido a análise sobre o uso das HQs no exame demonstra que, desde o ano posterior a sua criação, o MEC avalia como positivo o uso dos quadrinhos como recurso educacional e aplica a estratégia na prática. O INEP tem como elaboradores professores cadastrados por meio de chamada pública:

O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – Inep – por intermédio de seu Presidente, torna público o Edital de Chamada Pública 03/2012 e convoca as Instituições de Ensino Superior da Categoria Administrativa Privada sem fins lucrativos e de Organização Acadêmica Universidade ou Centro Universitário que apresentam o atual Índice Geral de Cursos da Instituição (IGC) classificado nos níveis 4(quatro) ou 5(cinco), interessadas em contribuir por intermédio de seu corpo docente no processo de elaboração e revisão de itens para o Banco Nacional de Itens (BNI) do Inep. (INEP, edital de seleção 2011)

São, portanto, formuladores das provas do ENEM professores que atuam na educação de nível superior de instituições que oferecem cursos avaliados com nota 4 ou 5 no Índice Geral de Cursos¹, ou seja, educadores vinculados a instituições avaliadas pelo próprio INEP como de qualidade. O fato de esses educadores utilizarem quadrinhos em suas questões fortalece a ideia de que as HQs fazem parte da educação e são reconhecidas pelos docentes como benéficas aos processos educacionais.

Além de representar uma posição oficial do Ministério da Educação, o uso de Quadrinhos no ENEM reafirma a intenção e o desejo de educadores e educadoras em se utilizar dessa estratégia. Contudo, ao analisarmos outro importante dado recente, que nos dá subsídio para discussões no tema, o Censo Escolar do Ministério da Educação (BRASIL, 2014), percebemos outra postura vinda do mesmo Ministério da Educação.

O levantamento do MEC, realizado no ano de 2013, foi divulgado no mês de setembro de 2014 e se propôs a estabelecer, de acordo com critérios internacionais, o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), que traz um comparativo no que diz respeito à evolução da prática e estabelecimento da educação básica em cada estado brasileiro.

Essa medição, que leva em conta principalmente as notas nos componentes curriculares Matemática e Língua Portuguesa, contempla dados das escolas brasileiras sobre o uso de HQs em sala de aula e traz números interessantes, especialmente quando utilizamos o que o levantamento chama de microdados do censo.

Um dos dados relevantes é a presença ou ausência de bibliotecas no ambiente escolar. Há no país um grande número de estabelecimentos escolares que não possuem biblioteca, como demonstrado na tabela a seguir:

Tabela 3 – Existência de bibliotecas nas escolas – Censo Escolar MEC (2013)

Dep. ADM	Frequência	Números Totais	Porcentual
----------	------------	----------------	------------

¹ O Índice Geral de Cursos é um instrumento de avaliação da qualidade dos cursos superiores de todo o país, que considera vários aspectos de funcionamento, estrutura, procura e desempenho dos estudantes.

Federal	Não	73	13,1
	Sim	485	86,9
	Total	558	100,0
Estadual	Não	17870	48,3
	Sim	19158	51,7
	Total	37028	100,0
Municipal	Não	150813	86,0
	Sim	24513	14,0
	Total	175326	100,0
Privada	Não	35485	60,0
	Sim	23652	40,0
	Total	59137	100,0

Nas escolas federais de educação básica, a presença de bibliotecas é de 86%, nas estaduais, 51,7%, nas municipais, 14%, e nas escolas particulares, 40%. Esse é um dado primário, referente a uma biblioteca, seja qual for o acervo. Ao declarar possuir uma biblioteca, a escola não descreve seu acervo, quais obras e quantidades, nem mesmo as condições de instalação e uso do ambiente. Um dado que precisa ser considerado para a análise em questão é o Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), que desde 1997 fornece acervo para as bibliotecas escolares e está disponível para todas as escolas cadastradas no Censo Escolar, segundo o MEC.

O site do Ministério da Educação apresenta o programa e menciona o tipo de acervo destinado “[...] acervos literários são compostos por textos em prosa (novelas, contos, crônica, memórias, biografias e teatro), em verso (poemas, cantigas, parlendas, adivinhas), livros de imagens e livros de história em quadrinhos.” (BRASIL, 2014).

Contudo, se o MEC disponibiliza o acervo para todas as escolas, mas nem todas declaram possuir biblioteca, apresenta-se uma questão que foge do PNBE, provavelmente ligada a espaço físico ou organização escolar. De todo modo, no acervo do programa, é mencionada a presença de HQs, o que torna possível afirmar que as escolas que declararam possuir biblioteca, no Censo Escolar de 2013, têm em seu acervo, “livros de histórias em quadrinhos”, tornando possível a aplicação destes nos processos educativos.

Um dado mais aprofundado, que permite uma análise diferenciada, é o da presença de salas de leitura nas escolas. Os números são apresentados na tabela a seguir:

Tabela 4 – Existência de salas de leitura nas escolas – Censo Escolar MEC (2013)

Dep. ADM	Frequência	Números Totais	Porcentual
Federal	Não	311	55,7
	Sim	247	44,3
	Total	558	100,0
Estadual	Não	28226	76,2
	Sim	8802	23,8
	Total	37028	100,0
Municipal	Não	157534	89,9
	Sim	17792	10,1
	Total	175326	100,0
Privada	Não	45515	77,0
	Sim	13622	23,0
	Total	59137	100,0

A sala de leitura se faz presente em 44,3% das escolas federais, 23,8% das estaduais, 10% das municipais e 23% das escolas particulares. Esse dado apresenta as escolas que declararam ter um espaço disponível para prática de leitura, dentro ou fora da biblioteca. Os números mostram que, em comparação à presença de bibliotecas, o número de salas de leitura é muito menor. De toda forma, há que se considerar o grande número de espaços destinados à prática da leitura, levando em conta o dado anterior, que demonstrava dificuldade das escolas de, mesmo com acervo, montarem suas bibliotecas. É digno de comemoração que um espaço montado para que estudantes e profissionais da escola, incluindo professores e professoras, tenham a conveniência para ler.

Ressalto que o Censo Escolar trabalha com dados das escolas declarantes, ou seja, que disseram possuir tais equipamentos ou espaços. Isso significa, simplesmente, que as escolas que disseram ter biblioteca e/ou sala de leitura, possuem esses espaços e, acredito, possuem um acervo para ser desfrutado. Os dados do Censo Escolar não mencionam uso adequado e práticas que tragam resultado nos componentes educacionais.

Os dados que possibilitariam essa conclusão são resultado de vários cruzamentos de dados preliminares e resultado do IDEB de cada escola, ainda assim imprecisos, pois os dados cruzados não necessariamente serão utilizados na conta que resulta dos números do índice. Ou seja, em relação à prática ou não de leitura e uso da biblioteca poderá haver números elevados do índice em escolas em que a prática da leitura e o uso da biblioteca não se realizem de fato, uma vez que a conta para o IDEB leva em consideração componentes curriculares específicos, e não o desempenho global.

Nos microdados temos ainda as atividades extracurriculares, que apresentam entre elas, “histórias em quadrinhos”, como sendo uma categoria de atividade ligada à “comunicação e uso de mídias”. Da totalidade de escolas participantes do Censo, as que declararam ter atividades com HQs como componente extracurricular foram 175, para 122.445 que declararam não ter essa atividade. Dessas, nenhuma escola federal, 70 escolas estaduais, 98 municipais e apenas 7 escolas privadas.

Ressalto que, esses dados se referem às escolas que declararam ter em suas atividades extracurriculares uma ação específica de HQs. Os números, muito baixos, revelam a quase inexistência de trabalhos exclusivos com quadrinhos nas escolas brasileiras.

Ainda que consideremos que os quadrinhos podem ser utilizados em muitos componentes curriculares e também em diversos componentes extracurriculares, há uma evidente carência do uso de HQs nas escolas. Se considerarmos as possibilidades e benefícios que os gibis poderiam trazer aos estudantes, confirmaremos a grande distância entre uma atuação ideal com uso dessa ferramenta e a realidade das escolas brasileiras.

Apesar de inúmeros estudos e pesquisas defenderem o uso de quadrinhos na educação, mesmo que educadores reconheçam as HQs como ferramenta didático-pedagógica, que a leitura de gibis seja a preferida entre os estudantes e que os quadrinhos figurem em uma das maiores avaliações institucionais nacionais, ainda assim há uma dificuldade real para o estabelecimento dos quadrinhos nas escolas e ainda há caminho a trilhar para efetivar o uso das HQs na educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As imagens representam uma aproximação da realidade, seja num momento de vida, de morte, uma paisagem que tinha um significado naquele instante, e/ou fora desse instante. É justamente pela sua função comunicativa que o indivíduo se apropria do mundo externo, pois é pela comunicação estabelecida entre sujeitos e o contexto em que estão inseridos que por sua interação ocorrem “negociações” cognitivas a partir de interpretações de informações, conceitos e significados. É através da linguagem (seja imagética, oral ou escrita) que aprendemos a pensar e a refletir sobre o estar no mundo (Vygotsky, 1999).

As imagens no contexto das HQs apresentam significados. Nesse sentido, as construções das HQs propiciam interações entre palavras e imagens que ilustram dinâmicas comunicativas de elementos tanto numa leitura mais simples até compreensões mais complexas.

Nesse contexto, em relação à análise da pesquisa da CIMA, que buscava conhecer a preferência de leitura dos estudantes da rede estadual de São Paulo, destacamos que os estudantes querem e preferem ler HQs. No universo de mais de 1 milhão de estudantes pesquisados, 45% deles afirmou que preferem a leitura de quadrinhos, o que demonstra uma predominância das HQs como leitura favorita dos estudantes. Como mencionado, a questão da segunda leitura favorita envolve uma falha conceitual, que não entende a possibilidade de todas as demais categorias serem também possíveis de se apresentar como quadrinhos, o que poderia interferir no resultado geral da pesquisa.

Confirmamos a presença das HQs como recomendação da LDB e dos PCN e constatamos que a presença dos quadrinhos no ENEM representa a concordância com essas recomendações normativas. O levantamento que apontou a quantidade e as ocasiões em que as HQs foram usadas no exame possibilitou concluir que, além do discurso oficial aceitar os quadrinhos como auxílio e benefício para a educação, os professores que formulam as provas para o INEP corroboram a mesma ideia, utilizando da estratégia de aplicação dos gibis em seus conteúdos.

Ainda de acordo com dados oficiais do MEC, o PNBE, instituído em 1997, passou a disponibilizar HQs entre os livros que são encaminhados para as escolas. O programa, que tem por finalidade montar os acervos para uso de toda a comunidade escolar, representa uma grande contribuição para a presença dos quadrinhos em sala de aula, contudo, ao cruzar os dados com os do Censo Escolar (2013/2014), pude verificar a ausência de uma biblioteca na maioria das escolas brasileiras.

O Censo Escolar apresenta as informações repassadas pelas escolas e compõe importante referência para a atuação governamental. Mesmo com o avanço do PNBE, um grande número de escolas do país não tem sequer uma biblioteca, que dirá uma biblioteca com HQs como parte do acervo. Além disso, também pudemos constatar que um número ainda maior de escolas declarou não possuir sala de leitura, ambiente destinado exclusivamente para essa prática. Essa informação confirma a dificuldade em se utilizar quadrinhos no ambiente escolar.

A conclusão é que as relações entre HQs e educação avançaram muito e que é perceptível que a atenção dos estudos acadêmicos e das iniciativas para aproximação dos quadrinhos das atividades educacionais é crescente, sendo este trabalho uma demonstração disso.

REFERÊNCIAS

- ALVES-MAZZOTTI, A. J. **O método nas Ciências Sociais**. In: ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZ NAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira, 1999.
- BARTHES, R. **A câmara clara: nota sobre fotografia**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1984.
- BAUER, M. W. / GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa Com Texto, Imagem E Som**. Ed. VOZES (2005)
- BIASI-RODRIGUES, B. e NOBRE K. C., **Sobre a função das representações conceituais simbólicas na gramática do design visual: encaixamento ou subjacência?** Disponível em <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/1001/100104.pdf> acesso em 21 de fevereiro de 2011.
- CHIZZOTTI, A. **Da pesquisa qualitativa, In: Pesquisas em ciências humanas e sociais**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1997
- COELHO, L. A. L. **Uso de imagem na sala de aula**. Disponível em <http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/cgi-bin/PRG0599.EXE/11982.PDF?NrOcoSis=38947&CdLinPrg=pt>. Acesso em 20 de setembro de 2008
- DREGUER e MARCONI . **A Imagem Como Documento Histórico** disponível em http://www.projetopresente.com.br/formacao/Hist_formacao.pdf acesso em 10 de janeiro de 2010.
- ENTLER, R. **Para reler a Câmara Clara**. In: FACOM - Revista da Faculdade de Comunicação - FAAP, v. 14, São Paulo: Faap, 2006.
- FREITAS, N. K.. **Representações mentais, imagens visuais e conhecimento no pensamento de Vygotsky**. Disponível em <http://www.cienciasecognicao.org/artigos/v06/m24566.htm>. acesso em 28/09/2008.
- JOLY, M. **Introdução à Análise da Imagem**, Lisboa, Ed. 70, 2007
- LÉVY, P. **Cibercultura** Editora 34, 1999
- LUDKE, M. & ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- MELERO, M. L. **Diversidade e Cultura**. Uma escola sem exclusões. Universidade de Málaga: Espanha, 2002.
- MINAYO, M. C. **O desafio do conhecimento: pesquisas qualitativas em saúde**. 6 ed. São Paulo: Hucitec; rio de janeiro: Abrasco, 1999
- PINHEIRO, C. F. **Leitura das imagens contemporâneas: uma prática necessária na educação** [manuscrito] (dissertação de mestrado). Universidade do Vale do Itajaí- UNIVALI. Itajaí. SC – 2006.
- SANTAELLA, L. e NOTH, W. **Imagem - Cognição, Semiótica, Mídia**. Editora ILUMINURAS, 4ª Edição - 2009
- VIGOTSKI. L.S. **Pensamento e linguagem**. 3ªEd. São Paulo: Martins Fontes, 1991. Série Psicologia e Pedagogia.
- _____. **A Formação Social da Mente**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1999
- _____. **Psicologia da arte**. São Paulo, SP: Martins Fontes. 2001

